

Assessora descarta uso de choque na economia

Porto Alegre — A coordenadora do plano econômico do candidato Collor de Mello (PRN), Zélia Cardoso Mello, apresentou sua proposta às lideranças dos empresários gaúchos, ontem, assegurando que não haverá qualquer choque nem reforma monetária. O único choque, segundo ela, será o da credibilidade. Zélia explicou que com uma eleição por maioria, após 30 anos sem voto direto, Collor terá a credibilidade para realizar as reformas básicas necessárias ao saneamento do País.

A economista garantiu que as reformas básicas de Collor, juntamente com a reversão de expectativas provocadas pela posse do novo presidente, deverá controlar a inflação. Lembrou que são as reformas fiscal, administrativa, contendo os gastos públicos, e patrimonial, com privatização das estatais, além da renegociação da dívida externa. Também reafirmou que o projeto econômico de Collor é contra os subsídios porque estes favorecem os cartéis e a concentração econômica.

A assessora econômica de Collor falou com cerca de 30 empresários, todos das diretorias da Federação das Associações Comerciais do Estado (Federasul) e da Associação Comercial de Porto Alegre. O presidente da Federasul e também da Confederação Nacional das Entidades, César Rogério Valente, após o encontro, disse que o plano do candidato do PRN está academicamente enquadrado com o pensamento básico da área que re-

presenta. Mas fez questão de salientar que isso não significa que outros também não apresentem pontos coincidentes.

Em Porto Alegre, o presidente da Federação Brasileira dos Bancos e da Confederação Nacional das Instituições Financeiras, Leo Wallace Cochrane Júnior, afirmou ontem que não há nem como imaginar uma moratória da dívida interna. Ele tem certeza de que isso não acontecerá seja qual for o presidente eleito, pois, conforme argumentou, a dívida é que continua financiando o Governo. Perguntou de onde o Governo tiraria recursos caso deixasse de pagar e não fosse mais financiado pelas instituições financeiras e também pelas empresas.

Wallace também disse que não há motivo para temores diante da possibilidade de vitória de uma candidatura de esquerda. Lembrou que existe o Congresso, com quem o novo presidente precisa governar em conjunto, e que o Congresso é conservador. Além disso, afirmou que é certo, qualquer que seja o eleito, que os empresários permanecerão no País, pois o novo presidente terá que governar com a Constituição.

Mas advertiu que, para manter a confiança e a credibilidade que começarão a ser adquiridas nas urnas, o novo presidente precisa imediatamente tomar medidas fortes, citando o ataque frontal à inflação, o combate ao déficit público, medidas fiscais eficientes e a privatização.